

SAUDADES DO CINEMA PORTUGUÊS OU DO CINEMA EM PORTUGUÊS?

Emmanuel dos Santos

Escrever sobre o cinema português aqui no Brasil — e neste momento — é falar mais de ausências e, portanto, será um falar principalmente de saudades, que uma eventual presença solitária de filme português em um desses festivais antes aumenta do que ameniza. Sonhando assim com uma regularidade na exibição de filmes portugueses entre nós, logo percebo que não estou falando simplesmente de saudades do cinema português, mas de cinema em português, já que a própria exibição de filmes brasileiros no momento não apresenta aquele mínimo de regularidade que se exige.

Quero deixar desde logo bem claro que estou passando longe de filmes onde o português entra *a posteriori*, em um processo de dublagem, que é a regra em apresentações na televisão. O que se ouve ali não é o português como ele é, já que precisa ser adaptado às falas originais, quase invariavelmente em inglês. Esse português de segunda mão é sentido claramente como falso pelo ouvinte, mas aceito como um mal menor, já que a dor que causa nos ouvidos é mais suportável do que a agressão aos olhos que causaria o uso de legendas na telinha. Para ilustrar esse falseamento do uso da língua, cito apenas um caso, entre inúmeros que ocorrem. Um amigo observou, ao ver um desses filmes, que estava achando estranho ouvir crianças usando em um certo filme dublado a palavra *cão*, em vez de *cachorro*, pois esta última é a forma que quase invariavelmente ocorre no nosso discurso infantil. A explicação está na forma inglesa *dog*, facilmente substituível na dublagem pela também monossílabo forma *cão*, ao contrário da, no caso problemática por suas três sílabas, forma *cachorro*. De qualquer maneira, mesmo que tais aberrações não ocorressem, ainda assim o português estaria fora de seu contexto e, portanto, continuaria a soar falso. Na verdade, falando em saudades do cinema *em* português, ou seja, da presença da língua portuguesa nas telas dos cinemas, está-se reclamando da ausência daquilo que nos fala mais de perto, que nos diz respeito, seja conhecido ou desconhecido. Sentir falta do português é sentir falta de tudo aquilo de que a língua é veículo; é sentir falta da cultura que se expressa em português.

A produção de filmes em Portugal e no Brasil tradicionalmente enfrenta problemas diferentes e vive hoje um momento histórico também distinto. O terremoto que a anterior presidência provocou no Brasil destruiu os instrumentos que, mal ou bem, garantiam um apoio oficial em muitos casos indispensável à produção regular de filmes brasileiros, seja complementando os gastos com a realização, seja, talvez, principalmente, garantindo alguma distribuição para os produtos acabados. Desorganizado o sistema, quase de um momento para outro os filmes brasileiros desapareceram das salas de projeção. O governo responsável por isso não foi muito longe, como sabemos.

Mudada a administração federal, não se poderia esperar que ela fosse de imediato colocar ordem no caos, mas, no momento, no ambiente de terra arrasada alguma coisa começa a tomar forma, tanto em termos de organização como de fomento, esboçando-se assim uma perspectiva de continuidade de produção, livre da dependência de dinheiro público e do arbítrio de pequenos grupos decisórios. Filmes há anos nas prateleiras são finalmente lançados e projetos, alguns já antigos, recebem apoio financeiro, insuficiente, mas indispensável. É esta nova fase já contabiliza êxitos, seja por resultado artístico, seja por sucesso de público. Mas nenhuma cinematografia pode depender de sucessos eventuais para a garantia de continuidade de produção. Os filmes de menor apelo de público devem ter acesso normal à exibição. Como no Brasil ainda existe um universo consumidor de filmes relativamente grande, espera-se que o filme possa ter seus custos cobertos, no todo ou em grande parte, pela exibição dentro do país, funcionando os estímulos financeiros (oficiais ou não) apenas como complementação. Cai-se, portanto, no ponto de estrangulamento de todo o processo: a distribuição e exibição dos produtos. Fala-se na existência, no momento, de 60 projetos para filmes de longa metragem. Será possível colocá-los no mercado em condições vantajosas? Será possível, ao menos, colocá-los no mercado?

Se os filmes brasileiros não conseguem ter garantia de uma exploração adequada de seu próprio mercado, como abrir caminho nesse mercado para cinematografias menores, mesmo que seja uma a apresentar um produto cultural tão próximo a nós, como é o caso da portuguesa? Teremos então de continuar "matando as saudades" do cinema de Portugal vendo filmes em sessões especiais, fora do sistema comercial de exibição. Uma exibição especial, porém, é feita em determinado dia e determinada hora e, assim, é preciso que não tenhamos compromissos naquela hora daquele dia. Além disso, há o caráter fortuito e descontínuo dessas apresentações. Por contraste, os chamados festivais vão, em termos de continuidade, ao extremo oposto: concentram exibições de filmes diferentes em alguns poucos dias, exigindo assim uma disponibilidade de tempo que quase ninguém tem.

Outra possibilidade seria a televisão com o uso de satélite, já que a RTPi, operando com uma rede de satélites, focaliza filmes portugueses com uma programação regular. No mês em que escrevo estas linhas (março) todas as segundas e sábados a RTPi está apresentando filmes portugueses. No Brasil podem ser captados por sintonia com o satélite Express 2. Mas quantos estão em condições de fazer isso? Além do mais, embora muitos sejam inéditos no

Brasil, com uma ou duas exceções são filmes antigos. Como entrar em contato com os mais recentes? Já que pelos canais principais, dominados pelos filmes norte-americanos, não é possível uma circulação regular; quais as alternativas? Para tentar uma resposta é bom começar pela observação das condições que caracterizam a produção portuguesa de filmes.

Minha mais recente permanência em Portugal foi suficientemente longa para permitir uma observação mais acurada. Logo na chegada houve a surpresa de não ver ainda em cartaz *Sinais de Fogo*, filme de Luís Felipe Rocha, sobre a obra de mesmo título de Jorge de Sena. Mas estava apenas havendo a repetição da situação típica: um filme é lançado e logo recolhido, a menos que seja um enorme sucesso de bilheteria, porque não existe hoje, como houve no passado, a organização do mercado exibidor em linhas sucessivas de exibição, garantindo a permanência em cartaz por mais tempo. Graças à diligência de Gilda Santos (especialista na obra de Jorge de Sena) e à cortesia do diretor Luís Felipe Rocha somada à dos responsáveis pelo IPACA, foi possível ver o filme em sessão particular no auditório dessa instituição. Ou seja, chegou-se à obra, mas por um canal de exceção, inatingível e até desconhecido pela maioria.

Sabendo de antemão que o pequeno mercado doméstico não pagará os custos do filme, o cineasta português trabalha com vistas aos resultados, e não ao sucesso de público. Isto tem levado a um "cinema de autor", com filmes ditos "difíceis", repudiados pelo público local, que acaba evitando os filmes portugueses em geral. As exceções são raras. Já está longe o ano de 1981, em que dois filmes conseguiram um público de mais de cem mil espectadores: *Óxalá*, de Antonio-Pedro Vasconcelos, e *Kilas, o Mau da Fita*, de José Fonseca e Costa. Mas no final de 1995, entrando por 1996, houve a grande aceitação pelo público de *Adão e Eva*, de Joaquim Leitão, um filme com ligações internacionais, mas sempre um filme português. Não sei se chegou a atingir, ou superar, a famosa barreira dos cem mil espectadores, mas certamente contribuiu para um processo de reconciliação entre o cinema português e aquele que deveria ser o seu público natural.

Mesmo em uma cinematografia quase totalmente subsidiada como a portuguesa o grosso da produção deveria estar no meio, ou seja, entre as obras "difíceis" e os raros e imprevisíveis sucessos de público. É nesse espaço mais amplo que ficou *Sinais de Fogo*. Em depoimento necessariamente reduzido escrevi ser um filme bem dirigido em cima de roteiro bem feito e servido por uma produção profissional. A narrativa tem a conformação clássica e conduz o espectador sem largá-lo, pois não há aqueles "pontos mortos" tão mal tolerados pelo público. É, portanto, um filme que pode ter alguma carreira internacional, a começar, pelo assunto, pela vizinha Espanha. E será *Sinais de Fogo* mais um filme português digno de interesse a não ter exibição regular no Brasil? Ficará limitado à isolada apresentação que teve no Rio?